

RESENHA

HOLLOWAY, R.R. *The Archaeology of Ancient Sicily*. London and New York, Routledge, 1991, 211pp.; ilustrações.

Maria Beatriz Borba Florenzano*

Localizada no centro do Mar Mediterrâneo, a Sicília caracterizou-se durante toda a Antiguidade e até mesmo durante a Idade Média, por ser um ponto de passagem de povos que iam e vinham. Além disso, a fertilidade de suas planícies, a extensão de seu território e a proximidade ao continente fizeram com que esta ilha fosse o palco de ocupações sistemáticas de grupos itálicos, norte-africanos, gregos...

Os entrecruzamentos de línguas, costumes, formas políticas, crenças religiosas, etc., resultaram — como não poderia deixar de ser — na criação de uma civilização ímpar. Os processos pelos quais estes encontros de culturas se deram, a forma como culturas diferentes se acomodaram (ou não) lado a lado, constituem, hoje, para nós, um campo inesgotável de estudos. Os resultados destas pesquisas apontam com muita frequência para modelos interpretativos que, aplicados a outras situações de encontro cultural na Antiguidade, são instrumentos de análise extremamente úteis para nós.

Nessa perspectiva, um apanhado geral sobre a Arqueologia da Sicília, adquire um interesse muito grande. E é este apanhado que Ross Holloway fez ao escrever este seu *The Archaeology of Ancient Sicily*. Com efeito, definido em poucas palavras, este é um livro que abrange todo o desenvolvimento da Sicília Antiga — dos tempos pré-históricos à ocupação romana — do ponto de vista da cultura material, dos achados arqueológicos.

As 211 páginas do livro estão distribuídas em seis capítulos que tratam sucessivamente da Pré-história, do início da colonização grega, dos gregos da Sicília nos períodos arcaico e clássico, da cunhagem de moedas, da Sicília

púnica e romana e, finalmente, da vila descoberta em Piazza Armerina.

A primeira dificuldade com a qual o Autor depara é a heterogeneidade dos documentos. Áreas muito escavadas contrapõem-se a áreas inexploradas, ou mal exploradas, gerando, de um lado, a possibilidade de conhecimento detalhado no caso de certas regiões e de certos temas e, de outro, a falta de documentos que permitam uma compreensão mínima dos acontecimentos e processos.

A segunda grande dificuldade enfrentada pelo Autor é a enorme bibliografia específica e ultra especializada que existe sobre a Arqueologia da Sicília antiga, escrita principalmente pelos autores italianos.

Ambas as dificuldades são trabalhadas com muito cuidado por Ross Holloway, cuja sensibilidade e experiência arqueológica de trinta anos na Sicília permitiram-lhe acompanhar passo a passo e participar das novas descobertas arqueológicas e da colocação de novos problemas e novos temas sobre a região.

O Autor apresenta, pois, desta forma, uma obra sobre a Arqueologia da Sicília que, apesar de ser uma introdução, é bastante aprofundada, completa e atualizadíssima. Trata-se de um livro que embora caracterizado como manual é dirigido não apenas aos alunos de Humanidades em geral, como também ao pesquisador interessado em uma visão global da cultura material da Sicília antiga.

Capítulo por capítulo, o Autor procura expor a documentação material mais importante do período tratado, descrevendo-a, analisando-a e mostrando os aspectos da sociedade sobre os quais ela nos diz alguma coisa. Trata detalhadamente dos documentos que definiram fases e períodos e que fazem parte da nomenclatura mais empregada na Arqueologia da Sicília. Assim, aparecem caracterizadas sucessivamente as “fases culturais” Stentinel-

(*)Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

lo, Castelluccio, Capo Graziano, Thapsos, Pantalica, etc. da Pré-história e Idade do Bronze sicilianas e os períodos arcaico, clássico, helenístico, romano que marcam a Sicília depois da colonização grega.

As diferentes categorias de documentos materiais, como túmulos, estruturas funerárias, cerâmica, habitação, monumentos de culto, ferramentas, armas, etc. são analisadas tanto isoladamente como no contexto de sua produção. Sua transformação é acompanhada através dos capítulos e as causas internas ou externas dessas mudanças são assinaladas e discutidas.

Da mesma forma, documentos ou temas tradicionalmente considerados relevantes, receberam no texto um tratamento especial. É o caso dos capítulos sobre a cunhagem monetária e sobre a Vila de Piazza Armerina e dos três apêndices apresentados que versam sobre a identificação de Gela, do Santuário de San Biagio e do Santuário das divindades ctônias em Acragas e sobre a documentação numismática e o renascimento econômico da época de Timoleonte.

No caso das moedas, com efeito, desde a Antiguidade mesma, os gregos da Sicília foram famosos pela criação de tipos monetários inovadores e pela utilização de padrões monetários originais. Holloway dedica neste livro, todo um capítulo sobre o desenvolvimento da cunhagem na Sicília no qual descreve os principais problemas tais como a reforma monetária de Dionísio o Velho, as emissões de bronze do século IV a.C., as criações artísticas dos gravadores siciliotas, etc. A cada questão apresentada, marca as principais linhas de interpretação e não raro apresenta sua própria posição, tendo em vista sua enorme contribuição nesta área de estudos.

O mesmo ocorre no tratamento da Vila de Piazza Armerina. A Vila é toda descrita e para cada questão levantada a mais recente interpretação é fornecida, desde a cronologia e do objetivo da própria construção, até os detalhes do programa que foi a base da criação dos mosaicos.

A sólida formação do Autor, o seu conhecimento sobre a Pré-história e a Idade do Bronze no Mediterrâneo e sobre a civilização greco-romana, permitem-lhe a cada momento fornecer sua própria interpretação sobre questões cruciais. Originalidade esta que, se por

um lado o afasta das posições das tradicionais escolas europeias de Arqueologia, por outro, induzem a uma reflexão mais aprofundada sobre uma realidade para nós hoje tão fragmentária. Pelo menos uma parte desta originalidade se deve à visão global do “desenvolvimento cultural” no Mediterrâneo. A Sicília aparece sempre, seja na Pré-história, seja no período clássico, como parte de um conjunto maior ao qual deve em grande medida o seu próprio desenvolvimento. E é esta visão geral que, segundo o Autor, permite o esboço de soluções para tanta fragmentação nas fontes.

Nesta linha devem ser vistos, por exemplo, o questionamento que o Autor faz das causas tradicionalmente apontadas como as que levaram à colonização grega do Ocidente e a contribuição original que apresenta com relação à interpretação da função do fundador (*oikistés*) das colônias no desenrolar da colonização inicial (p. 47 e ss.). Outros exemplos de posições novas podem ser detectados no tratamento dado aos famosos “Bronzes de Riace” (pp. 109 e ss.); na interpretação de vários templos de Selinunte; na identificação de “La Muculufa” como um santuário comum das aldeias do Vale do Rio Salso (p. 25); na análise do conjunto da Vila de Piazza Armerina ou dos vestígios arqueológicos de Morgantina e de outras pequenas localidades interioranas ou púnicas. Isto sem mencionar seu posicionamento com relação à produção monetária da ilha, área de estudo à qual já dedicou inúmeros artigos e até livros e na qual circula com grande familiaridade.

Em outros casos, Holloway aproveita para divulgar teorias novas, ainda não conhecidas, sobre problemas aparentemente insolúveis. Os principais pontos da teoria de Brian McConnel, por exemplo, sobre o comércio têxtil entre Malta e a Sicília é um desses casos (p. 18 e ss.).

Outra inovação no texto é a apresentação de uma seção, contínua e articulada, dedicada à Arqueologia dos sículos. Na verdade, os arqueólogos sempre estiveram muito mais interessados na escavação e no estudo de sítios gregos e púnicos do que no conhecimento dos sículos. Apenas muito recentemente é que os habitantes da Sicília que receberam os gregos no século VIII a.C. e continuaram interagindo com eles por vários séculos mais, vêm chamando a atenção dos estudiosos. A apresen-

tação desta seção sícula — que não é curta — é uma novidade para um manual sobre a Sicília Antiga. É uma novidade e é ao mesmo tempo de grande utilidade para os estudiosos da área pois sistematiza dados que apareciam esparsos aqui e acolá em artigos e livros. A inclusão de informações inéditas, providas de escavações recentíssimas enriquece sobremaneira esta seção.

Trata-se, pois, de um livro extremamente denso e rico em documentação. Não é um livro de leitura fácil ou descontraída. A complexidade do tema, a extensão do tempo abarcado não permitem este tipo de leitura. Ao contrário, a atenção é exigida a cada página, bem como é indispensável um conhecimento prévio mínimo sobre o desenvolvimento histórico da Sicília.

Esta “densidade” da obra, fica, no entanto, amenizada através da inserção de inúmeras ilustrações. Grande parte destas apresentada sob a forma de desenhos de traço, bem feitos, agradáveis, tornando o texto, no geral e na medida do possível, mais leve.

Uma outra característica do livro como

um todo é o fato de o Autor não perder de vista em nenhum momento o *Homem*. Na verdade, quando se tem um tema muito extenso e variado para se tratar em poucas páginas, como é este caso, é fácil optar por um tratamento frio, “científico”, dos documentos. Muitos manuais introdutórios acabam perdendo a atratividade por este motivo. Nesta introdução à Arqueologia da Sicília, Ross Holloway soube apresentar a cultura material como produto direto da ação do Homem que é também em muitos momentos comparado ao siciliano do século XX.

Finalmente, é importante ressaltar que apesar deste texto — pelo seu caráter de manual introdutório — trazer apenas as notas de rodapé indispensáveis ao desenvolvimento dos argumentos, a bibliografia colocada ao final (pp. 185-202) traz uma listagem completa das obras recentes (1980-1989) sobre a Arqueologia da Sicília, desde artigos em revistas de difícil acesso, até livros completos publicados por grandes editoras. Constitui esta bibliografia um precioso instrumento de trabalho para aqueles que se ocupam da Sicília Antiga.

Recebido para publicação em 20 de agosto de 1992.